

A expressão na mulher portuguesa e estrangeira

A mulher portuguesa tem qualquer coisa em que essencialmente difere, como expressão anímica, do tipo mais evoluído da mulher estrangeira, a mulher dos grandes centros, Paris, Londres ou New-York.

Em que consiste essa «qualquer coisa»? É tanto mais difícil dizê-lo quanto mais profunda é a diferença sensível. Qualquer coisa na mulher cosmopolita de mais elaborado, de mais enérgico, uma vida interior mais intensa e pessoal, que vinca mais fortemente a expressão que a trabalha e diferencia; qualquer coisa de cético e ao mesmo tempo de mais intensa energia vital, activa, dinâmica, qualquer coisa, enfim, de mais actuante, sem deixar de ser feminino, mas transformando o feminino passivo em feminino activo.

Qualquer coisa, por vezes, de masculino traduzido em feminino, forma feminina de realizar o masculino; mas, sobretudo, qualquer coisa que revela uma transformação profunda do «mistério» feminino... A expressão é modelada por mais pensamento e menor sentimento, traduz mais elaboração intelectual: e o sentimentalismo, a doçura, a graça, a «coqueterie», os meinelos felinos da mulher-tipo de outrora, foram não suprimidos, mas expressos em outras formas de atitudes psicológicas.

Mais nervosa, e calma, e forte, mais serena, e em tensão, mola sempre pronta a distender-se, a mulher actual não flutua ao sabor das excitações periféricas, em reacções superficiais. Está, toda ela, em contracção, em recuo interior:—e deste recuo nos olha, com lampejos metálicos no olhar, que em silêncio refletem o abismo...

A mulher deixou de ser um fetiche... adorado e desdenhado, para ser outra coisa; simplesmente, essa outra coisa ainda se não definiu bem, ainda se não revelou: sendo, por enquanto, apenas, a imitação feminina do masculino. Assimilada e elaborada esta absorção deve vir a definir qualquer coisa de novo, simplesmente essa qualquer coisa ainda se não vê hoje claramente o que seja. A mulher moderna nem é homem nem mulher, nem rapaz nem rapariga, nem uma coisa neutra, mas qualquer coisa em devenir, o embrião de um novo ser; uma nova forma de ser do feminino.

Quere ela colaborar ou comandar? É difícil de saber. Porventura, a antiga escrava

quere tirar a sua desforra; e aspira, por seu turno, à tirania. Seja como for, o novo tipo de mulher é mais sugestivo, mais impressionante, mais perturbador que o antigo:—o qual interessava, como os gatos, periféricamente.

O sentimento, a doçura, a apegada ternura da mulher portuguesa, refletida nos seus traços moles e passivos, no seu olhar piedoso, não podem interessar um espírito e uma alma de hoje; que exige qualquer coisa de mais trabalhado e de mais caracterizado.

A cera foi substituída pelo bronze, no esculpir da alma feminina; e os vincos mais acentuados de uma expressão mais rica de pensar, de mais funda compreensão da vida, fazem empalidecer as antigas graciosidades poéticas do bicho feminino.

A mulher já não é requetada, conquistada, já não foge como caça, nem se dá: ela escolhe, analisa e julga, o que é terrível para os modernos D. Juan.

Não se trata, evidentemente, de uma «substituição» mas de uma «translação» do feminino:—e o interesse consiste precisamente em que tal feminino persiste na essência das novas fórmulas.

A mulher moderna ultrapassou o sentimento, o sensualismo e a graça do tipo antigo; ela ultrapassou também o útero. Caracteriza-a uma evolução intelectual profunda, análoga, em escôro, à realizada já pelo homem. Simplesmente, por seu turno, o homem avançou já no mesmo sentido, e o «récord» continua. Quere dizer: a mulher moderna está, por seu turno, longe do homem moderno:—o que é fácil de verificar nos livros das grandes escritoras contemporâneas.

//

Qual o interesse destes factos? É enorme: não só porque têm uma significação biológica perturbadora, mas porque são expoente da idade de uma civilização. A intelectualização da mulher é, como se sabe, um fenómeno característico da decadência das civilizações:—manifesta na decadência de Roma e, sobretudo, da Grécia.

Parece, pois, prefaciar e preparar uma nova civilização, uma transformação profunda da história. É um fenómeno precursor, cuja significação não está ainda bem estudada, mas que os factos históricos põem em nitido relêvo. As «intelectuais» modernas não são, por forma alguma, como

DE CINEMA

Algumas considerações sobre TERRA BENDITA

por MANUEL DE AZEVEDO

Julgo que uma das características do cinema americano (frequentemente apontada como um grave defeito), e é o facto da sua técnica ser «absolutamente perfeita», «invariavelmente perfeita»—tida como causa de uma *despersonalização* nos filmes produzidos naquele país—constitui, pelo contrário, uma enorme vantagem de que um ou outro realizador mais talentoso comece a tirar proveito.

A *linguagem cinematográfica* é a expressão por imagens de determinados factos, ideias, momentos emocionais e ambientes que constituem a obra cinematográfica, seja de ficção ou documental. Reconhece-se que, em cinema, a técnica consiste no processo que permite a sua «linguagem», é o material de que ela dispõe e está para o cinema como para a literatura estão o vocabulário e a gramática. Assim, quando a técnica toma características bem definidas em vários países, pode dizer-se que cada um desses países possui uma «*língua*» cinematográfica.

Do mesmo modo que dois ou mais escritores que se exprimem no mesmo idioma podem marcar nas suas obras personalidades diferentes, também a técnica americana não impedirá que os realizadores, ao servirem-se dela, vinquem nos seus filmes o seu estilo, sendo essas obras tanto mais admiráveis e belas, à parte o talento do realizador, quanto mais perfeita e rica for a técnica de que dispõem. Vê-se pois que a perfeição de uma técnica cinematográfica não abafa, nem impede que ela se manifeste em toda a sua pujança, a personalidade de um cineasta, do mesmo modo que a riqueza de uma língua não mata o estilo de um prosador.

Se não existissem filmes como *O Denunciante*, *O Evadido* e muitos outros trabalhos, entre eles os de Frank Capra, para comprovar o que

muita gente supõe, uma novidade: houve-as na antiga Roma e na antiga Grécia, houve-as em outras civilizações, e há-as igualmente na Índia actual em recomposição e renascimento.

A filosofia grêga finda com Hipatia, que é, a este respeito, um verdadeiro símbolo, porque Hipatia, massacrada na sua cátedra de filosofia pelo fanatismo da época, é um símbolo digno da Grécia que findára...

acima afirmo, bastaria *Terra Bendita*, um filme de extraordinário valor artístico, pedra de toque para as possibilidades futuras do cinema americano.

Diffícil será ultrapassar o equilíbrio e sentido harmonioso com que Sidney Franklin agrupou o poder descritivo e emocional, produzindo com a presente película uma obra invulgar, que classifica um realizador e dignifica o cinema.

Pode dizer-se, contudo, que S. Franklin foi servido por um assunto magnífico, sugestivo e humano; mas também é verdade que esse tema, localizado numa vida chinesa absolutamente diferente de tudo que estamos habituados a ver, trazia consigo inúmeras dificuldades de ordem vária que o realizador venceu dum modo que poderemos classificar de brilhantíssimo.

Extraído do livro *The Good Earth* (existe uma edição brasileira com o título *China, Vê-lha China*), da eminente escritora Pearl S. Buck, o filme *Terra Bendita* afasta-se bastante da obra original, como geralmente acontece quando os americanos adaptam ao cinema uma obra literária. Nem podia deixar de ser, neste caso, em virtude da diferença de intenções que presidiu à factura do livro e da película.

Com efeito, Pearl S. Buck, nascida na América mas vivendo toda a sua mocidade na China, sentindo a tragédia desse povo, falto de tudo e explorado por todos, com a sensibilidade duma mulher que viveu essa mesma tragédia, Pearl S. Buck, dizla, ao escrever *China, Vê-lha China* pretendeu apenas mostrar duma maneira vigorosamente verdadeira o martírio do povo chinês. E' esse povo e a sua vida que ela personaliza no camponês Wang Lung e na sua história. O livro não está perfeito dentro dos moldes do romance, é certo. Mas que importa? Perde, por isso, algum interesse? De modo nenhum. A beleza literária casa-se aqui com a descrição realista até ao fundo das cousas, a efabulação com a descrição dos costumes, da miséria e da luta pela existência. O livro de Pearl S. Buck é um grito em prol da China que o mundo escutou com emoção.

Já as razões que levaram à produção do filme são, por certo, bem diferentes. Pelo que se deduz da apreciação da

(Continuação da página onze)